

*poesias completas*  
*de*  
**CASTRO ALVES**

**ESPUMAS FLUTUANTES**

**OS ESCRAVOS**

**A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO**

**POESIAS DIVERSAS**

Prefácio de

**MANUEL BANDEIRA**

**EDIÇÕES DE OURO**



153,217

**DIREITOS RESERVADOS**



376,812 Q  
1968  
B869.1

As EDIÇÕES DE OURO são classificadas, de acôrdo com o custo industrial, nas seguintes categorias: SÉLO, ESTRÉLA, COPA, COROA, LEÃO, ÁGUIA e PALMA DE OURO

*Livros de Pólso*

ESTA É MAIS UMA PUBLICAÇÃO DAS

**EDIÇÕES DE OURO**

marcas registradas



impressa por  
TECNOPRINT GRÁFICA S. A.  
rua da proclamação, 109 — caixa postal 1880 — ZC-00  
rio de janeiro — brasil  
MCMLXVI

## TRADUÇÕES

### *Palavras de Um Conservador*

A PROPÓSITO DE UM PERTURBADOR

(Paráfrase de V. HUGO)

SERIA SONHO OU NÃO... Depois vós me direis...  
Um homem... era um grego, era um persa, um chinês,  
Ou judeu?... Eu não sei... tão-sòmente me lembro  
Que era um ente verídico e grave, que era membro  
Do partido da ordem...

E êle dizia então:

"Esta morte jurídica imposta a um charlatão,  
Ferindo êste anarquista é soberana e justa...  
Faz-se mister que a ordem e a autoridade Augusta  
Defendam-se... Tais cousas hoje ninguém discute.  
Depois, se a lei existe é para que se execute...  
Verdades santas há de origem tão divina  
Que devem sustentar-se até na guilhotina.  
Êste inovador pregava a filosofia  
Do amor e do progresso... histórias... utopia!  
Ria do nosso culto antigo e namorado.  
Era um dêstes p'ra quem nada existe sagrado  
Nem respeitam jamais o que o mundo respeita...

"P'ra lhes inocular doutrina assaz suspeita  
Êle ia procurar nos bordéis crapulosos,  
Boieiro e pescador, patifes biliosos,  
Imundo povilhêu não tendo eira nem beira...  
E entre canalha tal pregava de cadeira.  
Jamais se dirigia aos homens de dinheiro,  
Aos sábios, aos honrados, ao honesto banqueiro.

"Anarquizava as massas... e com dedos p'ra o ar  
Enfermos e feridos entendia curar  
Contra a letra da lei.

Não pára aí o horror...

Ressuscitava os mortos... êste vil impostor  
Tomava nomes falsos e falsas qualidades  
E errando ora nos campos, ora pelas cidades,  
Ouviam-no dizer: "Podeis me acompanhar!"

"Ora, falai, senhor. Não é mesmo excitar  
Uma guerra civil entre os concidadãos?  
Via-se ir ter com êle horrorosos pagãos,  
Que dormiam nos fossos e acompanhar-lhe o rastro:  
Um coxo, outro com o ôlho escondido no emplastro  
Outro surdo, outro envolto em pústulas tenazes.

Vendo êste feiticeiro andar com tais sequazes  
O homem de bem entrava em casa envergonhado...  
"Um dia... eu já nem sei quando isto foi passado,  
Numa festa... pegou de um chicote, imprudente!  
E se pôs a expelir, mas muito brutalmente,

Gritando e declamando, honestos mercadores,  
Que vendiam ali pássaros, aves, flôres,  
E outras coisas, que mesmo o clero permitia  
E de cujo produto uma parte auferia.

"Uma mulher sem brio seguia-lhe na trilha.  
"Êle ia perorando, abalando a família,  
A santa religião e a sociedade,  
Decependo a moral e a propriedade.

"O povo o acompanhava, e o campo estava inculto.  
Era ousado demais... Chegava o seu insulto  
Até ferir o rico!...  
E revoltava o pobre.

Sempre, sempre a dizer que todos que o céu cobre,  
São irmãos, são iguais... que não há superiores,  
Nem grandes, nem pequenos, ou servos, ou senhores,  
E que o fruto é comum...

'Té ao clero insultava!...  
"Bem vê, bem vê, senhor, que êste homem blasfemava.  
E tudo isto era dito assim em meio à rua,  
A uma canalha vil, grosseira, imunda e nua.  
Preciso era acabar, as leis eram formais...  
Foi, pois, crucificado..."  
Ouvindo frases tais

Ditas com tão singela e adocicada voz...

Eu surpreso exclamei: "Senhor, mas quem sois vós?"

Ele me respondeu: "Preciso era um exemplo;

Eu me chamo Elisab, sou escriba do templo...

"Porém de quem falais?... Dizei-me... de quem é?"

"Meu Deus! dêste vadio... Jesus de Nazaré".

# A Olímpio

(De V. Hugo)

O AMIGO que inda tens nos dias de amargura  
Um dia contemplava os teus martírios santos...  
E enquanto êle falava o teu sorrir sublime  
Mesclava-se a seus prantos:

## I

“Eis-te pois tu que outrora o povo admirava  
De virtudes vestido,  
Fanado, sem raiz, tombado num declive,  
Como um cedro abatido.

“Eis-te pois, sob os pés de infindos invejosos,  
E de homens zombadores,  
Tu, cuja frente altiva acostumava à sombra  
As fronte superiores.

“Tua fôlha está no pó, tua raiz austera  
Exposta aos olhos seus.  
Ah não tens nada mais — abrigado na terra.  
Desbrochado nos céus.

“Mancebo, conservaram-te o olhar austero, a fronte  
Tal calma e radiante!  
Teu nome era daqueles a quem se çurvam todos  
Mas hoje... neste instante

“Os maus, que haviam vindo Strafegar-te a vida,  
Morderam-na em furor,

E as multidões então correram à porfia,  
P'ra ver-te o inferior.

Com grito de alegria, as chagas te contaram  
As dores e aflições,  
Como contam moedas em cima de uma pedra,  
Num antro de ladrões.

"No teu renome casto, útil de bons exemplos,  
Já nada mais reluz,  
Babado em traços mil pelos reptis nojentos  
Que evitam sempre a luz.

"A luz do nome teu — facho visível sempre  
Que aclara a populaça  
Junto à estrada real, tua vida é o alvo exposto  
Ao primeiro que passa.

"Onde vão flechas mil morder uma após outra  
Da noite no negror  
Teu peito buscam todos. — Um visa tua glória  
O outro — teu amor.

"Tua reputação, que nós vimos esplêndida,  
Bem vês, neste momento,  
Dispersa-se e lá vai na voz do vulgo imundo,  
Como uma fôlha ao vento.

"Tua alma, que tomavam ind'ontem p'ra o direito  
E o dever arbitrar,  
Hoje é como a taverna, onde quem quer à tarde  
Vem no vidro espiar.

"P'ra ver na mesa vil a orgia enrouquecida  
Que fala sem caminho,  
Que derruba estridente almas cheias de brigas  
— Copos cheios de vinho.

"Teus inimigos vis tomaram teu destino  
E quebraram-no em flor.  
Fizeram-te da glória às tascas arrastada  
A tua maior dor.

“Puseram-te pelo avêso a veste, cujo lustro  
Enchia-os de furor.

Fizeram-te co’a púrpura (a mesma) vil d’ilustre  
Galé — de Imperador.

“Ninguém mais te defende. É-lhes mesmo uma glória  
Teu sombrio revés

Quando falam de ti, sacodem a cabeça  
E dizem: “Vós sabeis!...”

“Todos os corações p’ra te odiar se ajuntam  
E todos te hão largado,

Teus amigos lá vão tristes, como quem mostra  
Um templo arruinado.

## II

“Mas ai! p’ra quem compreender esta alma grave,  
Tu és inda maior.

Tua vida agora tem, vencendo mil tropeços  
Da torrente o rumor.

“Todos que aos dias teus sublimes, tempestuosos  
Se aproximam sem mêdo,

Voltam dizendo após, que sôbre ti pendidos  
Viram abismos tredos.

“Mas talvez que através das ondas dêste pego  
Dêste peito profundo

Pudeste descobrir a pérola — inocência  
Olhando para o fundo

“Param nos nevoeiros, em que tua alma velas...  
Mas eu que hei visto assaz,

Eu sei que encontrariam um céu cheio de estrêlas  
Se caminhassem... mais.

“E que importa depois que o mundo te bloqueie  
Com verbos turbulentos,

E mescle-se teu nome aos flocos de neblina  
Soltos aos quatro ventos!

“Que sabem êles mais? Silêncio! Que direito  
Temos para julgar  
Nós que não vemos além ou cá na terra  
Sem nos ajoelhar?

“A certeza! ai! insanos que nós somos!  
Crendo em nossa razão...  
Ela não pára mais no espírito do homem  
Que a onda em sua mão!...

“Ela molha um momento após infiel s'escoa  
E depois... maldição!  
Ninguém pode saciar no resto que inda encontra  
Lábios, nem coração!

“A aparência de tudo engana, e nos fascina...  
O céu tem luz?... tem luto  
Nada absoluto... O fruto encerra uma raiz  
E a raiz... um fruto.

“O mesmo objeto faz no vosso rosto angústias  
No meu serenidade  
Tôda coisa na terra é por um lado sombra,  
Por outro claridade.

“A nuvem carregada, espanto do marujo.  
Que a vela mal abriga,  
Para o trabalhador, que vê crestado o campo,  
É o saco da espiga.

“P'ra julgar um destino, é fôrça conhecer-lhe  
O fundo misterioso.  
O que hoje em lôdo jaz talvez que tenha em breve  
Asas no céu formoso.

“Est'alma se transforma... em breve desabrocha...  
E rasteja e vegeta.  
Agora larva informe —, e amanhã desde a aurora  
— Brilhante borboleta.

### III

“Entanto sofres tu... tu em quem a ironia  
Esgota suas setas  
Tu que vês que te segue e morde-te a calúnia  
Nas chagas mais secretas.

“Tu foges a sangrar e penetrando à sombra  
Por teu flanco rasgado,  
Com um poço escuro a tristeza em tua alma  
Gôta a gôta filtrado.

“Foges, leão ferido, às solidões, mais êrmas  
P’ra ler no teu destino;  
E a tarde vem te achar na posição que tinhas  
Ao fulgor matutino.

“Lá procurando a sombra aonde esqueces  
Estas guerras tacanhas  
Passando às vêzes só, da aurora ao pôr do sol  
Na forma das montanha;

“Atento olhando o rio, as moitas estreladas,  
O campo envolto em véus;  
Das ervas não pisadas atento à virgindade,  
E à beleza dos céus;

“Ou então contemplando, em uma praia austera,  
O esquife entregue às vagas;  
Que foge espedaçando o fio que prende a alma  
Do marinheiro às plagas.

“Fitando a frente verde e as tétricas narinas  
Dos antros tenebrosos,  
E a planta, que ao roer das virações marinhas  
Torce os braços nodosos...

“E o oceano imenso, onde se inclina a vela,  
Onde o sol vai tombando  
O oceano a respirar, como respira um peito,  
Se enchendo e se abaixando;

"Ou do alto mar, pejado de rumôres,  
Ou nos bosques profusos...  
Enlaças teu espírito às grandes harmonias,  
Cheias de sons confusos,

"Que vão o mundo inteiro abraçando, desde a água  
À serpe que chocalha,  
Que tôda a voz engrossa e que no pensamento  
A natureza espalha.

#### IV

"Consola-te, poeta, um dia, talvez breve,  
Eles t'hão de voltar,  
E verão que aparece altiva exposta ao sol  
Tua frente a brilhar

"Os pontos conspurcados em teus lauréis manchados  
Limpos, limpos, enfim  
Como o soalho serão, que lavam com cuidado  
Após largo festim

"Em vão teus inimigos armaram todo o mundo  
Com o rir cáustico e trêdo  
Em vão no pó da estrada espalharam como água  
Do teu ser o segrêdo.

"Embalde lançaram sua humilhada raiva  
Em teu nome mordido.  
Como cão que inda apanha a carne já largada  
De um osso já roído.

"Não, não hão de vencer os homens, que te cercam,  
De laços tenebrosos;  
Eles hão de passar, como os fogos, que passam  
Nos juncos paludosos.

"Que importa te arremessem ódios que os demônios  
Atiram sempre a um Deus?  
Um sôpro, um sôpro só lhes matará nos lábios  
A luz dos verbos seus.

“E hão de se esvaecer... e a multidão em júbilos  
Verá, de olhar piedoso,  
Surgir da mole vil, que amontoara a inveja,  
Teu crânio majestoso.

“Entretanto olha em paz a multidão que esquece  
Teu canto triunfal  
E que por tôda parte escoa e se derrama  
Pela encosta do mal.

“Deixa a arrogância aí rojar no caos tão negro  
Que um raio jamais viu;  
O orgulho, cuja voz ruge maior na raiva  
Como na enchente o rio;

“A bela sem amor que perde nossos passos  
Mulher de olhos mestrados,  
Cujo vestido a rastros é o laço onde se prendem  
Os pés dos descuidados.

“E o retórico fogo e palavroso e altíssimo  
Se nos vê escutando...  
E êsses homens sem fé, sem crenças e sem bússola,  
Que vivem tateando.

“E os lisonjeiros curvos, amáveis, familiares,  
Frontes baixas, rasteiras,  
E os vis ambiciosos que trepam uns nos outros  
Bem como as trepadeiras.

“Não! o laço vulgar que prende a turba efêmera  
Não te enleia em redor.  
Ês grande. Eles são vis. Seu jugo é feito de ódio,  
O teu feito de amor.

“Nada tens de comum com êsse mundo ínfimo  
De hábito matador,  
Porque p'ra todos é um quadro gigantesco  
Quando a mão do Senhor

“Longe do banal trilho onde se apinha a turba  
Sobre alguma ilusão.

Emprega sôbre o gênio a sublime chama  
Que se chama — paixão.

---

“E quando êle acabou, tu, que o ódio feriu,  
Tu disseste com a voz estremecida um tanto  
Voz semelhante à sua e mais alta, entretanto,  
Como se o grande mar falasse após o rio:

“Não me consoles, não, e não te aflijas muito...  
Eu 'stou calmo, impassível.  
Eu não olho jamais p'ra o mundo dêste mundo.  
Mas p'ra o mundo invisível.

“Os homens são melhores do que tu crês, amigo,  
Mas é severo o fado.  
Êle é que entorna fel ou vinho (como apraz-lhe)  
No copo lapidado

“Eu? Eu cismo escutando o salgueiral que geme,  
Da cruz à superfície...  
E o murmurar do rio, e o soluçar do sino  
Num canto de planície.

“Colhendo a surda voz do passado que foge...  
E dos carros de messe,  
E o lastimar do junco e o rugitar que soltam  
As moitas numa prece.

“Prestando ouvido ao mar, que nunca dormir pode  
À névoa, ao canto alado...  
Erro nas eminências, onde se ouve gemer  
Tudo quanto há criado.

“Como um vaso no altar contemplo aceso o teto,  
Cujos flocos ascendem.  
E ao pôr do sol os fochos lá de cima  
Todo o facho, que acendem.

“Lá, como uma ave solta a pena ao tom das brisas,  
Eu solto minha idéia,  
Lá penso na desgraça humana e melhor ouço  
A voz desta colmeia.

“Tudo que a vista alcança encaro comovido  
Onda, terra e verdura.  
E o homem fito além — mago, misterioso,  
Que atravessa a natura.

“Por que me lastimar? Todos a todo instante  
C’roam de dor a fronte  
Eu, sôbre quem é noite, eu guardo tão-sòmente  
Em meu negro horizonte,

“Como um raio da tarde além na serra escura  
Um raio santo — o amor.  
O amor, que doura ainda o que minh’alma tem  
De mais puro e melhor.

“É certo! em meu passado austero, jovem crédulo,  
Nada sabendo a fundo,  
Castelos de ouro fiz... como todos que fazem  
Castelos neste mundo.

“Eu vi da vida as flôres em tôrno à minha fronte  
Brilharem tão formosas...  
Mas que... Julgas-me tu tão doido que inda sonhe  
Eternidade — em rosas?!...

“As ilusões que, infante, eu cri ter apanhado,  
Agora estão ausentes.  
E digo à felicidade o que o pilôto diz  
Às praias decrescentes.

“Que importa? Lastimando a mulher, eu me abrigo  
Na mais funda das calmas,  
E vivo olhando fito o céu, por onde sobem  
As asas e as almas.

“Deus divide o destino igual, igual em todos nós...  
Fraco, forte ou poltrão.  
Como um senhor reparte o trabalho, desd’alva...  
A cada um seu quinhão.

“Sejamos grandes nós... Um coração que é grande  
Semelha mesmo a Deus.

Cruzem-se a nossos pés a luz do sol, o raio,  
Êstes clarões dos céus.

“Deixemos lá embaixo a tempestade horríssima  
Que nos prende num elo.  
E guardemos em cima a sã tranqüilidade  
Como a montanha — o gêlo.

“Vai! Que nenhum mortal co’a paixão quebrar pode  
Obstinada, sem tino,  
Esta invisível lei — chamada expiação  
E esta outra — Destino.

“Ai! Como quer que a chame insano orgulho humano  
Que o eixo dela imola...  
Roda imensa e fatal ela sôbre Deus gira  
E sôbre o homem... rola!...